FORTALEZA NOS ANOS 1940: IMPRENSA ESCRITA E RELAÇÕES DE GÊNERO

Jane Semeão*

RESUMO

O presente artigo trata das representações sobre gênero feminino postas em circulação pelos jornais *O Nordeste, Correio do Ceará e O Povo* que circulavam em Fortaleza nos anos 1940, analisando a atuação dos mesmos na manutenção e (re)construção de um ideal de comportamento feminino e colocando em evidência as relações de gênero estabelecidas à época e as tensões, conflitos gerados pelas transformações urbanas experimentadas pela cidade no que diz respeito às mulheres.

Palavras-chave: jornal, fortaleza, mulheres, gênero, comportamento

ABSTRACT

The present article deals with the representations about gender put in circulation for periodicals *O Nordeste*, *Correio do Ceará* e *O Povo* that circulated in Fortaleza in years 1940, analyzing the performance of same in maintenance and the (re)construction of an ideal of feminine behavior, placing in evidence the relations of gender established to the time and the tensions, conflicts generated for the urban transformations tried by the city in what it says respect to the women.

Key-words: newspaper, fortaleza, women, gender, behavior

> Nunca esteve mais em jogo a dignidade da familia, como nesta época em que a educação feminina não atende, de maneira eficiente, ao exercicio pleno da missão de mãe. É que a preconizada emancipação das Filhas de Eva, em vez de elevar a mulher aos fulgores da sua realeza, dentro da vida familiar, resvalou, insidiosamente, para o terreno das liberdades que geram a desconfiança e a desharmonia no recesso intimo do lar.
>
> (...) E as consequencias de uma doutrinação velada, mas persistente, no sentido de deslocar a mulher, de casa para o mundo, vão se acentuando dia para dia. Enchem-se os liceus e os cursos superiores de candidatas aos diplomas, preenchem-se as vagas dos empregos públicos em desatinada competição, enquanto a vida doméstica vae sendo relegada a condições inferiores e definha a soberania do lar. [1]

No Brasil o período que vai da segunda metade do século XIX às três primeiras décadas do século XX – momento profundamente marcado por grandes transformações políticas, econômicas, sociais e culturais que tinham como referência a Europa -, viu emergir e se disseminar todo um discurso burguês apoiado pelo Estado, pela Ciência e pela Igreja sobre a "condição feminina". As imagens construídas

* Professora Mestre do Departamento de História da Universidade Regional do Cariri (janesemeao@globo.com).

[1] ROCHA, Pedro (Pe.). "O mundo da mulher é o lar". Fortaleza, Jornal *O Nordeste***,** 27/03/1940, p.3.

relacionavam amor, maternidade, fragilidade e inferioridade, promovendo "um novo modelo de feminilidade, a esposa-dona-de-casa-mãe-de-família"[2]. Fugir a essa determinação social seria desviar-se de seu destino.

A simetria com o discurso burguês europeu atestava não só a apropriação de modelos culturais oriundos do Velho Mundo, como também o desenvolvimento de uma ordem burguesa preocupada em delimitar os papéis e espaços sociais dos novos sujeitos históricos. Nesse contexto de surgimento de novos atores sociais, a burguesia criou para ela própria "códigos de distinção e de identificação. Entre estes, o registro de uma mulher ideal"[3]. Fortaleza não foi exceção. Inserida nesse movimento mais amplo de transformações pelo qual passou o Brasil, a divulgação de imagens de feminilidade pela elite fortalezense correspondia ao que então circulava nos grandes centros urbanos do Brasil e do Exterior.

Representações sobre o ideal de comportamento feminino foram analisadas, por exemplo, por Zilda Maria Menezes Lima a partir do estudo de obras de alguns romancistas cearenses. Baseando-se em textos escritos entre os anos de 1880 e 1900, a autora procurou pôr em relevo as imagens construídas e veiculadas pelos escritores dos romances na produção e reprodução de perfis femininos, tanto através de suas personagens transgressoras como de suas personagens abnegadas e de comportamento exemplar. Os autores dos romances apropriaram-se e devolveram para a sociedade modelos de feminilidade que deveriam ser seguidos: "o da boa esposa, da mãe amantíssima, da donzela pura e virginal, porém casadoura, e o da religiosa – esposa"[4].

[2] RAGO, Margareth. *Do cabaré ao lar. A utopia da cidade disciplinar. Brasil 1890-1930*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1985, p.62, 2ª ed. e SOIHET, Rachel. Op. cit.
[3] PEDRO, Joana Maria. *Mulheres honestas e mulheres faladas. Uma questão de classe***.** Florianópolis: Ed. da UFSC, 1998, p.24, 2ª ed. Embora criado pela burguesia, esse modelo também circulava entre as outras classes sociais, produzindo expectativas sobre o comportamento feminino ideal. Trabalhos que têm por fonte processos criminais de defloramento e de violência contra as mulheres (agressão física, assassinato, entre outros) por exemplo, mostram-nos a utilização do discurso burguês sobre esse gênero tanto por parte das vítimas quanto de seus agressores e testemunhas. Discurso que algumas vezes se constituía em prática entre os populares. Ver por exemplo: ESTEVES, Martha de Abreu. *Meninas Perdidas. Os populares e o cotidiano do amor no Rio de Janeiro da Belle Époque***.** São Paulo: Paz e Terra, 1989, SOUSA, Noélia Alves de. *A liberdade é vermelha? Um estudo da violência contra mulheres em Fortaleza nas décadas de 20 e 30 do século XX***.** São Paulo: PUC, Dissertação de Mestrado, 1997 e SOIHET, Rachel. *Condição feminina e formas de violência. Mulheres pobres e ordem urbana (1850-1920)*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1989.
[4] LIMA, Zilda Maria Menezes. *Mulheres de Romance. Perfis femininos da cidade de Fortaleza (1880-1900)*. Recife: UFPE, Dissertação de Mestrado, 1999, p.169. Os romances analisados pela autora são: "A Normalista" (de Adolfo Caminha), "A Afilhada" (de Oliveira Paiva) e "Mississipe"(de Gustavo Barroso).

Apesar da distância de tempo que separa o período estudado por Zilda Menezes e o contexto da Fortaleza dos anos de 1940, as representações construídas e postas em circulação sobre o sexo feminino continuavam fortemente marcadas pelas noções de maternidade e de vida doméstica. Enquanto aos homens eram atribuídas autoridade e superioridade, as mulheres continuavam sendo definidas a partir das funções de mãe, dona-de-casa e esposa.

Mas as novas possibilidades que se abriam às mulheres com o crescimento urbanístico e econômico das cidades brasileiras - criando espaços de lazer, diminuindo as distâncias entre homens e mulheres, além de algumas conquistas políticas e sociais femininas como o direito ao voto, a instituição de colégios mistos, o acesso ao ensino superior e aos cargos públicos - acentuaram-se significativamente, e de modo assustador para alguns, ao longo das primeiras décadas do século XX.

O que intencionamos, portanto, com o texto que ora apresentamos é, a partir da análise das representações sobre gênero feminino postas em circulação por três grandes jornais que circulavam em Fortaleza nos anos 1940, *O Nordeste*, *Correio do Ceará* e *O Povo*, destacar a atuação dos mesmos na manutenção e (re)construção de um ideal de comportamento feminino colocando em evidência as relações de gênero estabelecidas à época e as tensões, conflitos gerados pelas transformações urbanas experimentadas pela cidade no que diz respeito às mulheres.

Fortaleza: modernidade e tradição

A cidade de Fortaleza que se descortinava em princípios da década de 1940 distanciava-se, consideravelmente, da Fortaleza do começo do século em seus aspectos físico e material. Economicamente mantendo a sua característica de importante centro comercial, a capital cearense alcançou essa nova década envolta em um sentimento de modernidade.

Num movimento progressivo de crescimento econômico e urbanização, Fortaleza chegou a essa data como uma cidade de porte médio ocupando o terceiro lugar em importância no Nordeste. No intervalo de 1900 a 1940, a população mais do que triplicou: se na alvorada do século XX ela possuía cerca de 48.369 habitantes, o censo de 1920 registrava o seu número em 78.536 moradores (demonstrando um crescimento intercensitário de 30,1%), contra os 117.000 calculados para o ano de 1929 e os 180.185

para o ano de 1940 (acusando um índice de crescimento intercensitário de 101,7%)[5]. O crescimento econômico da cidade, somado às constantes secas que atingiram o Estado do Ceará, provocando grandes migrações do sertão para a cidade, foram os maiores responsáveis pelo seu aumento populacional.

Nesse ínterim, o espaço físico da cidade também passou por profundas modificações. Possuindo no início do século uma área de aproximadamente seis quilômetros quadrados[6], no início dos anos 1940 sua área urbana e suburbana correspondia em media a 40 Km^2. Com a ampliação da área da cidade ocorreu, concomitantemente, o aumento no número de ruas, avenidas, casas, prédios públicos e particulares, bem como o surgimento de novos bairros. No que concerne aos serviços e equipamentos urbanos: os bondes de tração animal foram substituídos pelos bondes movidos a eletricidade (1912); várias ruas foram pavimentadas e alargadas; jardins e logradouros públicos foram construídos e outros "remodelados"; a população passou a contar com o transporte de ônibus (1936); a preocupação com o aumento do número de automóveis fez a prefeitura criar a Inspetoria do Tráfego (1933); a iluminação pública a gás carbônico foi substituída pela elétrica (1934), além de outras melhorias implementadas pelos poderes públicos.

Quanto a seu aspecto moderno, não obstante todo o desenvolvimento alcançado pela cidade dotando-a de uma nova estética, a capital cearense estava profundamente marcada por duas temporalidades conflitantes. A primeira diz respeito à sua progressiva expansão e modernização, e a segunda corresponde às condutas e costumes de seus habitantes que, no discurso dos defensores da modernidade, não estavam de acordo com a face "moderna" e "progressista" da cidade[7], como nos informa matéria publicada no jornal *O Nordeste* em julho de 1939:

---

5 GIRÃO, Raimundo. *Geografia Estética de Fortaleza*. Fortaleza: BNB, 1979, p.225; SILVA, Pedro Alberto de Oliveira. *Pequena História da Telefonia no Ceará*. Fortaleza: Teleceará, 1982, pp.65, 69 e 86 e IBGE: Rio de Janeiro, Censo Demográfico. População e Habitação, Série regional, Parte VI, Tomo I, 1950, p.50. Em 1950 a população de Fortaleza atinge os 270.169 habitantes. De 1850 a 1950 o adensamento populacional na capital cearense foi de 2.989%, correspondendo a um aumento de cerca de 260.000 habitantes. FERREIRA, Jurandir Pires. *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros*. IBGE: Rio de Janeiro, V.16, 1959, p.213.

6 UCHÔA, Waldery. Fortaleza na sua expressão histórica, geográfica e estatística. Fortaleza: DEIP, 1946, pp.30 e 51.

7 A experiência moderna de Fortaleza é muito bem analisada pelo historiador Antonio Luiz, quando este aponta e discute o caráter ambivalente de sua modernização durante a década de 1940. SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo. *Na senda do moderno. Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40*. SP: PUC, Dissertação de Mestrado, 2000.

> O nível das nossas condições citadinas tem-se elevado muito nestes últimos anos. Em todos os setores há progresso, desenvolvimento, evolução. A cidade revestiu-se de novo aspecto. Os costumes mudaram. A população cresceu e civilizou-se.
>
> Mas a par de tudo isto, de todo este dinamismo promissor, (...) pode um cidadão encontrar ainda, em Fortaleza, costumes desagradáveis, que lhe venham a causar aborrecimentos e dissabores, sérios contratempos, até.
>
> Num dia de pouca sorte pode acontecer-lhe, nesta moderna cidade do Brasil, cousas da África. Entrar, por exemplo, num café. As chicaras estão esfriando em cima da mesa e moscas pegajosas passeiam sobre a louça. O garçon não está fardado, não se distingue dos fregueses. E serve a prestações(...).
>
> Dali vai o cidadão ao cinema. E pode sofrer muitos desgostos. Depois de algumas dificuldades na bilheteria, porque havia uma grande aglomeração, vai a procura de um lugar (...). Duas senhoras muito amigas, trazendo enormes chapéus, fumam um charuto de dois mil réis (...). Do outro lado dois rapazes conversam em voz alta, fazendo grosseiros comentários sobre o filme, em todo o seu decurso.[8]

Se por um lado a expressão moderna da cidade descrita no artigo revela um processo de ruptura com o passado, por outro denuncia a presença ainda forte de atitudes e hábitos considerados provincianos que maculavam e até entravavam o progressivo desenvolvimento material da capital. Ao contabilizar os aborrecimentos e contratempos sofridos por ele ao longo do dia, o autor do artigo nos descortina uma cidade ambígua, contraditória no seu movimento de modernização em que passado e presente, moderno e antigo ligavam-se por práticas modernizadoras e comportamentos, costumes que pecavam contra a estética urbana e a própria "civilização". A mesma denúncia podemos verificar, quatro anos depois, nas páginas de outro jornal:

> Fortaleza progride sem embargo das crises que assolam a nossa terra. Mas certos habitos antiquados da cidade permanecem mau grado a sua evolução.
>
> Essa contradição empana muitas vezes o brilho dos nossos foros de capital.
>
> Vale a pena citar esses habitos antiquados? Cremos que não, pois eles são por demais conhecidos do público. Limitemo-nos a assinalar a sua existência, acrescentando que ela é perfeitamente injustificável.
>
> O progresso de Fortaleza, tanto material como demográfico, tem poucos similares em todo o país. E ha também poucos similares em todo o Brasil de apego que demonstramos a determinados costumes de sabor provinciano.

[8] "Aspectos da cidade". Fortaleza, Jornal *O Nordeste*, 14/07/1939, p.4.

> Não que a educação do povo seja tão baixa. Mas, pelo contrário, que o progresso foi acentuado demais para ele, que ainda não parece desacostumado da Fortaleza bisonha de 1890.
>
> Escrevemos este tópico inspirado em tudo que presenciamos e ouvimos nos três dias de carnaval.[9]

A vitalidade urbana pela qual passava a capital cearense ao longo das primeiras décadas do século XX, traduzida em termos de melhorias técnicas que racionalizavam e agilizavam tanto o espaço urbano quanto o funcionamento dos seus serviços e equipamentos, conferindo à cidade ares de "modernidade" e "progresso", encontrava nas condutas, nos comportamentos de seus habitantes, obstáculos a esse processo revelando descompassos e anacronismos da modernidade experimentada por Fortaleza.

Mas a preocupação externada através da imprensa dizia respeito não só ao que poderia se constituir em entrave ao processo de modernização da cidade como também ao que essa mesma modernidade poderia significar em termos de perda de algumas práticas e valores tradicionais:

> Atravessamos o século por excelencia do progresso material(...). Mas, em meio a tanto fausto, quanta injustiça, atestado formal de que, na realidade não ha progresso, mas regresso, na nossa civilização paganizada.
>
> Nos lugares 'chics', nos 'cock-tails', nas 'soirees', nos teatros, nos cinemas presenciam-se espetáculos de verdadeira loucura, justificados sob o falso pretexto de que é a época moderna. (...) Por tudo isso, em vez de ordem, da paz, o que se vê é a miséria, o ódio, a inquietação, numa palavra, a infelicidade geral. Riqueza, invenções deslumbrantes não são sinônimo de paz, de felicidade.[10]

Incapaz de conter os efeitos de seu próprio feitiço, a moderna humanidade, na visão do autor do artigo, cavava para si um abismo no qual se perdiam os mais preciosos valores morais. Todo um aparato técnico – cinema, rádio, imprensa – concorria imperiosamente para a "desgraça espiritual" de toda uma geração presente e futura "envolvida pela inquietação geral" e que "se estiola em vôos incertos, em tontos e deturpadores atrevimentos"[11]. O que se acusava, pois, era uma grande ausência e vazio

---

[9] "Nos três dias de carnaval". Fortaleza, Jornal *Unitário*, 11/03/1943, p.4.

[10] MAJOLA, João Felix de. "Os congregados e as injustiças do néo-paganismo" Fortaleza, Jornal **O** *Nordeste*, 23/02/1940, p.3 (Página Mariana. Ano I, n.24-publicação mensal).

[11] "A felicidade ficou no passado, porque a humanidade penetrou fundo a dentro, entorpecida pela mania do progresso, pisando as suas tradições, esmagando suas velhas crenças na ânsia idiota de criar uma nova história. A juventude sofre os efeitos desastrosos desta quadra de aniquilamento e loucura (...). O cinema,

de valores. Esse um dos aspectos, segundo Berman, da modernidade: "ela nos despeja a todos num turbilhão de permanente desintegração e mudança, de luta e contradição, de ambiguidade e angústia. Ser moderno é fazer parte de um universo no qual, como disse Marx, 'tudo que é sólido desmancha no ar'"[12].

Em Fortaleza, portanto, como nos demais centros urbanos do Brasil – guardando-se, claro, as devidas proporções -, a tarefa de modernização empreendida pelas elites locais acarretou alterações significativas não só na infra-estrutura urbana da cidade (dotando-a de novos serviços e equipamentos urbanos) como também no próprio ritmo de vida dos seus habitantes, suscitando a modificação de antigos hábitos e costumes.

Esse movimento instaurou na capital cearense um conflito entre tradição e modernidade. Se por um lado temos o desejo de uma cidade moderna ancorada no desenvolvimento tecnológico, científico e material proporcionado pelo avanço capitalista, por outro encontramos uma cidade imersa numa tradição cristã preocupada com a manutenção dos "bons costumes" e avessa a qualquer conduta que representasse a sua dissolução:

> Não é que se recuse o progresso e se ponha á margem o que nele há de aproveitavel e, mesmo de necessario. Mas é que a sabedoria está em conciliar a tradição com a inovação, em adotar as reformas sem prejuizo dos costumes vigorantes que não merecem ser abandonados.[13]

Verberando contra o estado de crise espiritual que se abatera sobre a civilização moderna, a Igreja Católica, ardorosa defensora da tradição moral, procurava, através do jornal *O Nordeste* e de outros mecanismos estratégicos de seu discurso, barrar os efeitos devastadores da modernidade que encaminhava a humanidade para o seu descalabro moral e social. Ao construir-se uma sociedade materialista, como acusava a Igreja, os resultados não poderiam ser outros senão a desordem, a indisciplina, o egoísmo, a miséria, o sofrimento, a desesperança invadindo todos os setores da vida humana.

---

o rádio, a falsa leitura, o monstruoso episódio da guerra – todos esses e outros fatores concorrem decisivamente para a desgraça espiritual de uma nova geração contrariada". "Século da luz e da angústia". Fortaleza, jornal *Correio do Ceará*, 30/12/1944, p.5 Seção "Crônica Social".

[12] BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido desmancha no ar. A aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986, p.15.

[13] L.S. Fortaleza, jornal *O Nordeste*, 09/05/1940, p.4, Seção "Pontos de Vista..."

Diante do desequilíbrio em que se encontrava a humanidade, essa instituição ressaltava a importância da religião cristã como meio para sanar os problemas gerados por uma modernidade que seduzia para o luxo, para o paganismo, para uma vida preocupada unicamente com as satisfações materiais. Em virtude disso, a ação da Igreja Católica voltou-se contra tudo o que representasse "uma modernidade ímpia e desordenada", vale dizer, uma modernidade sem Deus.

Vistas dessa forma, modernidade e tradição se apresentam como pares opostos. Se o primeiro é o lugar do efêmero, do desequilíbrio, dos prazeres mundanos, das novidades corruptoras do espírito, o segundo representa o eterno, a estabilidade, a continuidade, é o que liga o presente ao passado e garante o futuro[14].

Entendida como essencial para o progresso, uma moral sólida propiciaria recursos para lutar contra os desajustes que se testemunhavam à época. Nessa empreitada, o Estado e a Família deveriam aliar-se e alinhar-se à Igreja no combate aos excessos de uma modernidade não respaldada pelos princípios cristãos, e, por isso mesmo, ameaçadora da ordem e dos costumes.

Compondo o quadro interno de reformas sociais e representando uma ameaça para os bons costumes, temos, ainda no período aqui abordado, a crescente influência cultural norte-americana. É sabido que a propagação do modo de vida americano no Brasil, como nos demais países da América Latina, fez parte de uma estratégia de aproximação dos Estados Unidos e foi anterior ao conflito. A chamada "Política de Boa Vizinhança" do presidente Roosevelt, congregava esforços dos Estados Unidos visando um estreitamento cada vez maior de suas relações políticas, econômicas e culturais com as nações latino-americanas desde meados dos anos 1930 na intenção de anular a influência européia sobre a América Latina e consolidar sua liderança no continente. Nesse contexto, o cinema americano já funcionava como poderoso veículo

1
.[4] De acordo com Hobsbawm, "o objetivo e a característica das ' tradições', inclusive das inventadas, é a invariabilidade. O passado real ou forjado a que elas se referem impõe práticas fixas (normalmente formalizadas), tais como a repetição". Essas práticas teriam por objetivo "inculcar certos valores e normas de comportamento", e ao fazê-lo utilizando-se da repetição, ter-se-ia, uma "continuidade em relação ao passado"(HOBSBAWM, Eric e RANGER, Terence. *A invenção das tradições*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997, 2ª.ed., pp.09-10.) Mas, embora a tradição tenha como um de seus pilares a idéia de continuidade em relação ao passado, isso não significa que sua estrutura seja infensa à dinamicidade da história. (...)Gidens observa com pertinência: 'A tradição não é inteiramente estática, porque ela tem que ser reinventada a cada nova geração conforme esta assume sua herança cultural dos precedentes'"(SILVA FILHO, Antonio Luiz Macedo. *Na senda do moderno. Fortaleza, paisagem e técnica nos anos 40*. SP: PUC, Dissertação de Mestrado, 2000, p.35).

de divulgação do estilo de vida estadunidense. Mas foi, certamente, com o advento da guerra que essa política de aproximação se intensificou.

Mesmo antes do rompimento das relações com os países do Eixo e de consolidada a colaboração brasileira com os aliados, o governo norte-americano, usando um discurso pan-americanista, buscou conquistar seu espaço na sociedade brasileira. O alinhamento entre esses dois países deu origem a uma forte política cultural na qual alguns nomes famosos, como o de Carmen Miranda, Orson Welles e Walt Dysney (com suas criações Zé Carioca e Pato Donald, por exemplo), "alimentaram a ponte aérea E.U.A-Brasil e tornaram-se figuras populares nesse 'imaginário panamericano'. Constitui-se, então, no país uma visão fortíssima do *american way of life*, que se tornaria dominante ao longo do tempo"[15]. Em Fortaleza, como nas demais cidades brasileiras, essa penetração cultural americana se fez sentir primeiramente através do cinema hollywoodiano. O ato de mascar chicletes, por exemplo, foi divulgado entre a população citadina através do cinema norte-americano.

Reclamando dos namoros incentivados pela película cinematográfica, um artigo publicado no jornal *O Nordeste* condena o "espírito de aventura que o cinema tanto explora e tanto incute" na juventude, especialmente feminina:

> A moça moderna faz do amor uma opinião muito deploravel. Contenta-se em poder apresentar-se com um namorado sem lhe sondar as origens, sem lhe saber das intenções, sem lhe pesquisar a vida pregressa. Não se pode negar que isso é também resultado da influencia da vida irreal apresentada pelo cinema. Na fita, basta um encontro para que surja imediatamente um amor exagerado e que acaba sempre num casamento relâmpago, por sua vez desmanchado num abrir e fechar de olhos.[16]

O chamado *american way of life* e suas repercussões na cidade, portanto, contribuiu para o recrudescimento do discurso tradicionalista sobre os papéis sociais e padrões de comportamento feminino[17] na imprensa fortalezense.

Imprensa escrita e comportamento feminino

---

[15] MOTA, Carlos Guilherme. "Cultura e política da boa vizinhança: dois artistas norte-americanos no Brasil" In: COGGIOLA, Osvaldo(org.). *Segunda Guerra Mundial. Um balanço histórico*. São Paulo: Xamã: Universidade de São Paulo, Série Eventos, 1995, p.490.

[16] L.S. "Pontos de vista...". Fortaleza, jornal *O Nordeste*, 02/12/1941, p.4.

[17] A respeito dessa questão, ver: SILVA, Jane D. S. Comportamento feminino em Fortaleza. Entre o tradicional e o moderno durante a 2ª. Guerra Mundial (1939-1945). In: SOUZA, Simone de; NEVES, Frederico de Castro (orgs). *Fortaleza: História e Cotidiano*. Fortaleza: Edições Demócrito Rocha, 2002, pp.17-52.

Em meio ao movimento de transformações materiais e de valores morais, a grande tensão residia especialmente no comportamento feminino e no lugar que deveriam as mulheres ocupar na sociedade. Recaía sobre elas, especialmente as que compunham as camadas média e alta da sociedade, o importante papel de exercer no lar a grande missão de incutir nos espíritos os valores morais de uma boa formação cristã, considerados fundamentais para o próprio progresso e a civilização. Esse papel tinha por base o fato de a família cristã ser um dos pilares da tradição religiosa, decorrendo daí a grande preocupação da Igreja na formação moral da família e na sua preservação. Nesse sentido é que o jornal *O Nordeste,* pertencente àArquidiocese de Fortaleza, denunciava:

> As coisas se apresentam vestidas de ingenuidade, outras vezes com o rótulo do progresso, todas com a rubrica do século presente. Esta nossa crônica se destina, muito especialmente, às mães, sim! Às mães, essas soberanas dos lares, cuja autoridade está seriamente ameaçada pela política do diabo (...).
>
> Nova arma de guerra forjou o capêta, nestes últimos dez anos: a educação física da mulher. E o plano é audacioso em excesso. Nele estão envolvidas a mulher esposa, a senhorinha e a menina, que, a titulo de desenvolvimento físico, elasticidade dos músculos, de “modernismo”, tornaram-se treinadoras de futebol, de voleibol, de basquetebol(...).
>
> E o que mais nos entristece é que não sabemos onde dormem o pudor e o dever dos pais, o ciúme santo das mães que deveriam custodiar a pureza das filhas..., para deixarem-nas exibir-se, em publico, de vestimentas impróprias a sua dignidade de donzelas cristãs.
>
> A anestesia do liberalismo adormece, na mulher moderna, a sua consciência de criatura privilegiada para o lar... Abdica de seus direitos de rainha da sua casa, em troca de um campo de tênis, de uma rede de voleibol.[18]

Figura ambígua, as mulheres teriam em suas mãos o poder tanto de manter quanto de abalar e mesmo destruir todo o alicerce moral em que estava assentada a humanidade. Para tanto bastava afastar-se do lar e de suas prerrogativas naturais:

> Para muita gente modernismo quer dizer destruição dos principios da moral que a tradição e disciplina religiosa estabeleceram. Ser moderno, então, para o sexo feminino é afrontar o decoro público e calcar aos pés a compostura e o bom tom ordenado pelo pudor.

---

[18] J. Valdivino. Educação física da mulher. Fortaleza, jornal *O Nordeste*, 27/07/1939, p.4.

> Essa história de independência do sexo feminino como razão de progresso e civilização é um mito dos mais insubsistentes. A independência feminina em nossos dias não está passando de escravidão ao emprego, ás modas imorais, á perversão doméstica e á miséria moral.
>
> Quem é mais independente: a mulher que é governante do lar, senhora da sua casa, diretora do ambiente doméstico, mãe dos seus filhos e dona do coração do esposo, ou a pobre empregada do comércio ou do governo, obrigada a sair cedo de casa, a correr para não chegar atrasada no emprego, sujeitar-se ás filas imensas, agarrar-se nos ônibus, solavancando-se como marinheiros em dias de tempestade?[19].

Ao deixar-se levar pelas novas possibilidades criadas pelo progresso e civilização, as mulheres colocariam em risco não só os valores morais e comportamentos a elas atribuídos como também às gerações futuras, haja vista depender delas a procriação – por um determinismo biológico – e a educação de seus filhos – por uma construção social e cultural que lhes impôs esse e outros deveres. Não à toa, empreendeu a Igreja Católica, através do seu jornal, forte campanha contra tudo e todos que as tirassem da "esfera privada da vida doméstica".

Numa cidade atravessada por forte conservadorismo em que a preocupação com a moralidade pública e com questões relacionadas ao comportamento feminino era uma constante, a ocupação em atividades fora do espaço doméstico pelas mulheres de um modo geral só era admitida em dois casos: se a necessidade econômica exigisse ou se essas atividades estivessem relacionadas a ações beneficientes e/ou religiosas. Quando se inicia a década de 1940, um trabalho remunerado fora de casa para as filhas das camadas abastadas apenas era aceito – e assim mesmo com restrições – se encarado como temporário, pois ao casar-se caberia unicamente ao marido, naturalmente, o sustento da família.

Destinava-se às mulheres, portanto, o ambiente doméstico, deixando aos homens o exercício de atividades intelectuais e profissionais. A sua educação deveria estar voltada para as atividades do lar e para o fortalecimento de suas virtudes e de sua moral. Longe dos preceitos cristãos, "ser moderno" para o sexo feminino, como argumenta o autor do artigo acima citado, significaria apresentar um comportamento não condizente à sua natureza, ou seja, o contrário de "modos recatados" e "atitudes

[19] L.S. "O Papa e as jovens modernas". Fortaleza, jornal *O Nordeste*, 08/01/1948, p. 3, Seção "Pontos de Vista...".

discretas". A ameaça vinha de todos os lados: a literatura, o cinema, a moda, o esporte, a escola mista, as praias e o trabalho remunerado estavam entre os principais corruptores da alma cândida das mulheres.

Não estamos aqui insinuando que mulheres não tenham infringido os papéis que as normas lhes destinavam, artigos dos próprios jornais aqui abordados denunciavam transgressões de "boa conduta" por parte do gênero feminino. Mas verificamos que Fortaleza experimentou um ritmo de modernização e de progresso atinentes às condutas e às relações entre os gêneros diferente das grandes capitais do País em função, em grande medida, da sociedade à época estar assentada em princípios morais advindos de um tradicionalismo religioso católico que exercia forte influência na determinação dos papéis, lugares e comportamentos de homens e mulheres. Stênio Azevedo e Geraldo Nobre, autores do livro "O Ceará na Segunda Grande Guerra", afirmam que "com hábitos persistentes, por proceder (ainda agora) do interior em sua grande maioria, a população de Fortaleza caracterizava-se, antes da Segunda Grande Guerra, por sua resistência a mudanças culturais, rejeitando influências exógenas, como atestava, por exemplo, a sua catolicidade"[20].

Enquanto em São Paulo, por exemplo, segundo Sevcenko[21] "nos frementes anos 20" "as moças aderiram com frenético entusiasmo aos hábitos modernos e desportivos", como foi o caso da natação, em Fortaleza apenas nos anos 1940 é que encontramos nas páginas de dois jornais (*Unitário* e *Correio do Cear)* campanha para incentivar a natação feminina na cidade:

> Mais dois dias e teremos, sobre as encapeladas vagas dos mares cearenses, o gigantesco empreendimento dos DIARIOS ASSOCIADOS DO CEARÁ. A 'Prova Heróica', cuja fama já atravessou fronteiras... Noto eu, porém, uma grande lacuna: a falta de uma discípula de Maria Lenk... Mister se faz a inscrição de uma ou mais nadadoras na lista de concorrentes, a exemplo de 1939, quando da realização da I Prova Heróica. Irene Ribeiro, jovem, morena e forte praiana, apareceu em nossa redação disposta a enfrentar, resoluta, os 'verdes mares bravios'... Em todo o mundo e mesmo no Brasil, especialmente no Rio, em São Paulo e no Rio Grande do Sul, ramificou-se a classe natatória das descendentes de Eva. E no Ceará? Irene Ribeiro abriu o caminho. Quem o palmilhará também? Outra

---

[20] AZEVEDO, Stênio e NOBRE Geraldo. *O Ceará na Segunda Grande Guerra***.** Fortaleza: ABC, 1998, p.31.
[21] SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole. São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20***.** São Paulo: Companhia das Letras,1992, pp.49 e 71.

praiana do Mocuripe ou uma granfina da Praia de Iracema? Esperemos[22].

Um dos motivos para tal ausência de mulheres das competições de natação, e mesmo a quase inexistência dessa prática esportiva, sustentava-se justamente no argumento de que esse esporte constituía-se em forte atentado à moral pelos trajes “indecorosos” usados pelo(as) atletas. Mesmo “sob calor de esporte ou coisa equivalente”, os preceitos morais e a boa conduta deviam ser cultivados, não importando se nas grandes cidades determinados comportamentos, modas, atividades esportivas fossem consideradas “comuns”. Apesar da convocação, nenhuma mulher apareceu para se inscrever na “Prova Heróica”, levando os dois jornais, no ano seguinte, a continuar a campanha pela organização da natação feminina “num meio oitenta por cento provinciano como o nosso, onde usar ‘maiollot’ para muita gente ainda constitui uma afronta à sociedade”[23].

Além de conservadora nos seus hábitos, Fortaleza também era uma cidade que oferecia poucas oportunidades de inserção no espaço público às mulheres, ao contrário de centros como São Paulo e Rio de Janeiro onde o ritmo acelerado de crescimento urbano, comercial e industrial do final do século XIX e primeiras décadas do XX abriu maiores possibilidades de lazer, trabalho e profissionalização para elas. Margareth Rago afirma que nas três primeiras décadas do século passado “entre as jovens que provinham das camadas médias e altas, muitas se tornavam professoras, engenheiras, médicas, advogadas, pianistas, jornalistas, escritoras e diretoras de instituições culturais, como a famosa Bertha Lutz”[24].

Na capital cearense, no entanto, poucos eram os casos de mulheres provenientes destas camadas sociais exercendo alguma atividade profissional ou formadas nos cursos jurídico, agronômico, farmacêutico, odontológico e de economia que então funcionavam na capital. Segundo Zilda Menezes, em Fortaleza somente a partir da década de 1920 “é que foi permitido com reservas às mulheres circular no espaço público, obter espaço para suas escritas nos jornais e revistas e exercer profissões como a de professora”[25].

[22] “Apareça, mulher cearense!”. Fortaleza, jornal *Unitário***,** 12/03/1943, p.05.
[23] “Natação Feminina”. Jornal *Unitário*, 30/06/1944, p.5.
[24] RAGO, Margareth. Trabalho feminino e sexualidade. In: PRIORE, Mary Del (org.). *História das mulheres no Brasil.* São Paulo: Contexto, 1997, p.603.
[25] LIMA, Zilda Maria Menezes. *Op. Cit*., p.173.

Na imprensa de Fortaleza dos anos 1940, além do jornal *O Nordeste, Correio do Ceará* e *O Povo*, periódicos de grande circulação, também colaboraram para a difusão de modelos ideais de comportamento feminino na tentativa de manutenção dos papéis tradicionalmente atribuídos ao gênero. Num século de grandes acontecimentos e transformações mundiais que proporcionavam paulatinamente às mulheres conquistas políticas, profissionais, econômicas e educacionais, o receio de que sua saída do lar acarretasse a destruição da família, e consequentemente da sociedade, levou ao acirramento dos discursos na defesa do que esse gênero teria de mais precioso: a maternidade, o cuidado com a casa e a educação dos filhos.

Inúmeros são os artigos desses jornais em que as relações entre homens e mulheres são estabelecidas e defendidas a partir de características tidas como "próprias das mulheres": ingenuidade, pureza, pudicícia, doçura etc. Constantemente, a elas era lembrado o seu verdadeiro lugar na sociedade e os perigos e perdas que correriam ao deixar-se levar "para longe do lar e do recato". As imagens idealizadas para as mulheres eram apresentadas nesses periódicos sob várias formas: poemas, notícias, crônicas etc., cada uma delas se constituindo em estratégias de manutenção das relações de gênero baseadas na desigualdade e na dominação do sexo masculino sobre o feminino.

Essa divisão entre os sexos, historicamente construída mas tomada como natural, determinou uma construção sociocultural em que homens e mulheres ocupam posições radicalmente diferenciadas no corpo social. A dominação masculina torna-se, então, reconhecidamente legitimada por uma realidade biológica que se estende a todos os níveis do social e que se encontra objetivada, por exemplo, na estrutura do espaço – que opõe a casa, reservada às mulheres, ao espaço público, destinado aos homens – e na divisão social do trabalho: o que compete às mulheres está diretamente ligado às questões domésticas.

Uma crônica intitulada "Prova de Composição", escrita no jornal *Correio do Ceará* e assinada por Caio Cid (pseudônimo de Carlos Cavalcante), é bem um exemplo das convenções sociais imperantes em Fortaleza na década de 1940 relacionadas ao gênero feminino. Através dela, o autor atende ao apelo de uma jovem conhecida sua que lhe pede uma sugestão de tema para a prova de composição que ela teria que fazer no seu "exame de admissão" para o curso ginasial. Depois de muito pensar e inspirado no "ar de inverno" em que amanheceu o dia, Caio Cid passa a contar

uma espécie de fábula à estudante que tem por título “O sapo e a tanajura”, desejando, ao final, que ela aproveitasse “o tema duplamente: para o exame de admissão e para a sua vida”. Apesar de longa, a crônica merece ser citada pela profusão de imagens e analogias ao ideal de comportamento feminino:

> A formiga-de-roça mora modestamente no seu lar de terra(...). Só abandona a morada á noite, sob as estrelas ou á luz da lua com o objetivo de trazer folhinhas verdes, provisão para a sua coletividade.
>
> Mas um dia (há sempre ‘um dia’ na vida das formigas e na vida das mulheres), um dia a tarde fica linda, chuvosa, terrivelmente romântica, azulada e tentadora.
>
> E a formiga-de-roça se surpreende, na sua inocência, com aquelas asas nas costas – cilada do destino, perversidade da natureza.
>
> A pobrezinha experimenta um entusiasmo novo, leveza no corpo, e tem a fatal sensação de que é preciso voar, deixando o prosaísmo honesto do formigueiro, ébria de fantasia, eleita para um outro ciclo de existência.
>
> Louca de inconsciente alegria, a formiga – transformada em tanajura – suspende-se no espaço, voa no etéreo, tonta de vaidade, iludida pela capacidade aérea que lhe viera para a sua desgraça.
>
> Todavia, o vôo é curto, é limitada a sua mentirosa aventura, a sua ilusória libertação. Cai, logo á frente, bate no chão(...) sem mais a possibilidade de regressar ao formigueiro, á velha residência de barro em que vivera em segurança, garantida contra as mentiras do mundo exterior[26].

A mensagem do cronista é clara: era preciso ter muito cuidado com o desejo de se projetar para além da vida doméstica, pois como a formiga de roça que um dia se iludiu com as asas que lhe apareceram nas costas, abandonando o “prosaismo honesto do formigueiro” para experimentar um “outro ciclo de existência”, poderia a mulher também iludir-se com sua “libertação” e deixar-se levar pelas “mentiras do mundo exterior”, colocando em risco a segurança que somente o lar e a família poderiam lhe oferecer. Ao tornar público algo que dizia respeito apenas a ele e à garota, o autor da crônica expande a possibilidade de seu discurso misógino atingir um número maior de mulheres, utilizando-se de representações sobre a natureza feminina tais como inocência, ingenuidade e inexperiência do mundo.

2
6 CID, Caio. “Prova de Composição”. Fortaleza, jornal *Correio do Ceará*, 22/01/1947, seção “Crônica Social”, p.7. Carlos Cavalcanti colaborou em alguns jornais de Fortaleza e trabalhou, durante algum tempo, na imprensa do Rio de Janeiro. Cronista, poeta e contista, durante mais de vinte anos manteve, sem interrupção, sua crônica diária no jornal Correio do Ceará.

No ano seguinte a parábola da formiga que se transforma em tanajura e perde o seu rumo é novamente utilizada pelo cronista, dessa vez para responder ao pedido de uma moça que quer o conselho dele sobre que tipo de literatura ela deveria ler:

> Fico indeciso. A literatura moderna é revolucionária e perigosa. O mundo enlouqueceu e não adianta dizer á juventude que tenha juízo (...). Lhe digo apenas que melhor seria aquietar as asas, visto que a mania de voar tem ocasionado a morte de muitas tanajuras. Para não ficar de todo á mingua de leitura, recomendo-lhe adquirir um livro de fórmulas culinárias. A mulher que sabe 'passar' um bife vale muito mais que a mulher enfronhada em literatura, a não ser no que diz respeito aos librêtos de novenas e ás receitas médicas.[27]

Para muitos, pois, o problema era o "ambiente moderno" que corrompia a natureza feminina, acenando-lhe com a possibilidade de ocupar outros espaços e exercer outras funções:

> A menina de quinze anos não é mais aquela santa dos tempos romanticos, aquele 'entreaberto botão e entrefechada rosa...'. A mulher de hoje, vitima afeiada pelo ambiente de emancipação e doidice, não é mais o anjo de beleza e pudicia. Tudo a seu redor é solicitação para o mundo, para longe do lar e do recato. A mocinha não desabrocha mais para a família: desabrocha para a vida exterior, para a cidade, para o clube esportivo e para o microfone.
>
> Essa juventude é envolvida pela inquietação geral e se estiola em vôos incertos, em tontos e deturbadores atrevimentos[28].

A vida moderna, cada vez mais levando as mulheres para "longe do lar e do recato", ameaçava a "ordem familiar, tida como o mais importante 'suporte do Estado' e única instituição social capaz de represar as intimidadoras vagas da 'modernidade'"[29]. Não que aos homens não fossem atribuídas responsabilidades sociais e que um ideal de comportamento masculino estivesse ausente das relações entre os dois gêneros. Ao mesmo tempo em que os jornais buscavam – prioritariamente – conformar o feminino, construíam socialmente o masculino. Essa relação entre os gêneros era reconhecida em sua complexidade como de ordem natural e biológica, atribuindo aos homens características contrárias às femininas (virilidade e força, por exemplo), bem

[27] CID, Caio. "Respondendo de qualquer jeito". Fortaleza, jornal *Correio do Ceará*, 22/04/1948, p.7, Seção "Cronica Social".
[28] "Século da luz e da angústia". *Op. cit*.
[29] MALUF, Marina e MOTT, Maria Lúcia. "Recônditos do mundo feminino". In: *História da Vida Privada no Brasil*. São Paulo: Cia. Das Letras, Vol.3, p.372.

como o exercício da autoridade e do poder. No mesmo movimento, portanto, em que se define ou se redefine um dos gêneros, está a construção do outro.

Embora desejada pela elite econômica e intelectual de Fortaleza em seu aspecto técnico – crescimento urbano, melhoria e ampliação dos serviços oferecidos etc.-, inúmeras frentes de batalha foram abertas para conter os resultados indesejados que a modernidade lançava sobre a sociedade, mormente no que dizia respeito à moral e aos "bons costumes".

Em uma coluna diária do jornal *O Povo,* intitulada "Boa Tarde!", alguns indícios do lado "afrontoso" da modernidade à moral dos habitantes da cidade, especificamente ao comportamento feminino, podem ser depreendidos. Dessa forma é que o Senhor "X" (como o autor se identificava em suas colunas), numa de suas crônicas, nos fala de três irmãs que "poderiam servir de exemplo a todas as moças da cidade" por serem representantes de um ideal feminino, ou seja, eram caseiras, estudiosas, ajuizadas e desprezavam as futilidades. Afirma então o autor que "não perderão por isso", que "a felicidade irá procurá-las em casa" e que "um rapaz bem intencionado não gosta de construir seu lar com material estragado, apanhado pelos cinemas e pelas avenidas". Por fim, confessa que admira as jovens "porque ainda resistem à destruidora corrente moderna que está inutilizando a mulher de hoje"[30].

Os mecanismos e estratégias montados para a manutenção da moralidade pública alicerçavam-se, justamente, no fortalecimento das funções, espaços e comportamentos destinados a cada um dos gêneros. E por ser uma relação de poder que precisava ser mantida, compreende-se o grande investimento desses jornais em garantir o "dever ser" masculino e feminino, recaindo sobre as mulheres boa parte desse projeto.

Esse movimento pode ser observado não só através dos diversos textos espalhados em suas páginas, mas também na divulgação de uma seção destinada exclusivamente às mulheres ("Página Feminina" – jornal O Povo -, "A Vida no Lar"- jornal Correio do Ceará -, "Página do Lar"- jornal O Nordeste - e "A mulher no Lar e na Sociedade" – jornal Unitário, que nesse texto não foi objeto de nossa análise). Nessas páginas reproduziam-se, a partir dos vários assuntos relacionados ao mundo feminino (moda, beleza, culinária, cuidados com a casa, puericultura etc.), as determinações

[30] X. "Boa Tarde!". Jornal *O Povo*, 01/07/1942, p.2.

sociais e espaços idealizados para as mulheres. Porém, mais do que reproduzir ou descrever comportamentos, esses jornais funcionavam como mantenedores e (re)construtores de um ideal feminino.

Nesse sentido, as construções sociais e culturais das "mulheres modernas" veiculadas pelos jornais – "doidivanas", "leviana", "fútil", "Vênus de Praia" etc.- objetivavam não só estabelecer diferenças entre padrões de comportamento, mas reafirmar o ideal de comportamento feminino. Ao produzir convenções de gênero a partir de determinado modelo cultural, os jornais aqui analisados conformavam uma representação de feminino que naturalizava papéis sociais, culturais e politicamente construídos. Participando da construção dessa realidade atuavam tanto homens quanto mulheres, como podemos observar nos dois trechos transcritos a seguir:

> A mulher moderna, boneca futil, indiferente e leviana, com seu desinteresse pelas causas sérias da vida, substituindo o livro religioso, filosófico ou cientifico pela revista cinematografica ou pelo figurino mais recente, o espirito de sacrificio pelo culto de si mesma, a agulha, o dedal, o trabalho domestico enfim, pelo ciclismo, pela natação, pela vida esportiva, tem concorrido para a decadência moral de nossos dias. E, nós bem o sabemos, devia acontecer justamente o contrário. Criatura dotada por Deus com as graças mais delicadas, colocada no mundo para nele imperar pelo recato, pela humildade, pela obediência, pelo conjunto soberbo de todas as virtudes cristãs, a mulher tem que se deter no caminho errado que trilha, tem que voltar atrás e empenhar novamente o cetro de rainha do lar e doa corações[31].

> A arte de costurar, bordar, e cozinhar, vai cada vez mais desaparecendo da vida das moças modernas. Outróra estava absorvendo inteiramente a existencia da mulher. Um desequilibrio vem substituindo-se no outro. Pois, cada, um, e mais ainda cada uma de nós, nasceu com o instinto herdado para os trabalhos manuais tanto quanto para as atividades intelectuais. E o não exercer as capacidades que a natureza nos deu sempre, traz prejuizos para o carater e para o sistema nervoso[32].

Escritos por mulheres, os dois fragmentos colhidos dos jornais *O Nordeste* e *Correio do Ceará* exemplificam a introjeção por elas das representações sobre uma suposta identidade feminina que então circulava. Estereótipos como "delicadeza", "recato", "obediência" e predisposição aos trabalhos domésticos, tão utilizados nos discursos masculinos para demarcar as diferenças naturais entre os sexos,

---

[31] "A mulher cristã no mundo moderno". Fortaleza, jornal *O Nordeste*, 29/11/1947, p.7, Juventude Feminina Católica ("Uma jecista do Colégio Imaculada Conceição").
[32] OBRY, Olga. "Entre Nós". Fortaleza, jornal *Correio do Ceará*, 30/07/1949, p.3, Caderno "A Vida no Lar".

faziam também parte do próprio discurso feminino sobre o seu "ser". As autoras dos artigos defendem, dessa forma, limites de ação e de funções para as mulheres legitimando uma situação de dominação e de desigualdade entre os gêneros.

A legitimação de "uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada", configura a "violência simbólica" tal como definida por Pierre Bourdieu[33]. Esse tipo de violência que dispensa a coerção física, só se sustenta se houver um mínimo de aceitação por parte daqueles a ela submetida.

Nesse sentido, a interiorização pelas mulheres de papéis e normas enunciados pelo discurso masculino corresponderia a essa forma de violência que "supõe a adesão dos dominados às categorias que embasam sua dominação"[34]. Assim, "longe de se afastar do 'real' e de só indicar figuras do imaginário masculino, as representações de inferioridade feminina, incansavelmente repetidas e mostradas, se inscrevem nos pensamentos e nos corpos de umas e de outros"[35].

O que observamos, portanto, é que apesar de marcados por orientações políticas diferenciadas, no combate travado contra a dissolução da família cristã, dos papéis destinados ao gênero feminino diante de uma modernidade que avançava e punha em risco tradições e costumes, os jornais *O Nordeste, Correio do Ceará e O Povo* se constituíram em importantes mecanismos de produção e reprodução de modelos de comportamento feminino e masculino contribuindo para garantir a permanência dos papéis tradicionalmente atribuídos a ambos os gêneros.

---

[33] Pierre Bourdieu analisa os "sistemas simbólicos"(Ciência, Religião, Linguagem etc.) como "Instrumentos de conhecimento e de comunicação" que exercem seu poder estruturante e estruturado, poder invisível que constrói a realidade e lhe dá sentido (ordem legitimadora do mundo social). A violência da força física é substituída por outra mais sutil, e por isso mesmo mais eficaz, por nem sempre se fazer ver e sentir que é a violência simbólica. BOURDIEU, Pierre. "Sobre o Poder Simbólico". In: _______. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989, Cap.I, pp.7-16 e BOURDIEU, Pierre. *A Dominação Masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1999.

[34] SOIHET, Rachel. "Violência Simbólica. Saberes masculinos e representações femininas". In: *Estudos Feministas*. Vol.5, 1997, n⁰1, p.10.

[35] CHARTIER, Roger. "Diferenças entre os sexos e dominação simbólica". In: *Cadernos Pagu*. Campinas, Núcleo de estudos de Gênero/UNICAMP, n⁰ 4, 1995, p.40.